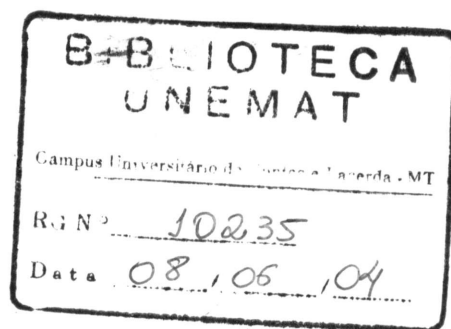


ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LETRAS

A NOSSA LÍNGUA, BRASILEIRA OU INGLESA?

Marta Eterna de Souza Freitas



Pontes e Lacerda-Mt, junho de 2003.

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
CURSO DE LETRAS

NOSSA LÍNGUA, BRASILEIRA OU INGLESA?

Ensaio Monográfico apresentado à UNEMAT
(Universidade do Estado de Mato Grosso) como requisito
final para a obtenção do grau de Licenciaturas em Letras.

Orientador: **Ricardo Marques Macedo**

Pontes e Lacerda-Mt, junho de 2003.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares, especialmente meus filhos, meus pais, meus irmãos e ao meu esposo, meus sobrinhos e a minha cunhada, que lutaram junto comigo e me incentivaram nesta longa e dura caminhada. Vocês souberam e sabem ser fortes, com isso me deram muita estabilidade.

Amo muito, muito, vocês!!!!!!!!!!!!

ESPECIALMENTE A

TALLYS: Meu anjo loiro, seu silêncio não faz diminuir o carinho, o afeto, o amor que sinto por você, porque sua presença esta constantemente no meu coração. Sei que a nossa separação é temporária e um dia, iremos nos encontrar, com certeza, e assim poderei lhe dar aquele abraço que eu tanto gostaria de dar hoje. Obrigada por ter feito parte de minha vida e por você ter existido materialmente.

TULIO: Meu anjo dos cabelos cacheados, filhotinho lindo, sem você minha vida não teria nenhum sentido. Obrigada por estar sempre presente em todos os acontecimentos de nossa vida, obrigada por continuar me amando e acolhendo meu carinho de mãe, durante o período em que estive ausente, na busca de mais conhecimentos. É você, o motivo maior da minha luta pelo saber e viver.

Para

Luciana Raimunda

Madalena

Obrigada pela paciência e carinho

Agradeço por estarem presentes em mais

uma etapa de minha vida.

AGRADECIMENTOS

- Aos meus professores
- Ao meu orientador
- Aos meus pais
- Aos meus filhos
- Ao meu esposo
- A minha irmã
- Ao meu irmão
- A minha sobrinha
- Ao meu sobrinho
- A minha cunhada
- Aos meus colegas de curso
- Aos meus ex-colegas de curso
- Aos meus amigos
- A Mércia
- A Cleunice
- A todos funcionários Unemat

Obrigado por me incentivar a aprender sempre,
por todo tipo de auxílio e colaboração, pelo apoio nas horas em que me foi mais
necessário. **OBRIGADA!!**

*Toda terra tinha uma só língua e uma só fala. Eis
que o povo é um e todos têm uma só língua, e isto
que eles estão fazendo é o começo, agora não terão
limites para tudo o que eles pretendem fazer.*

(Gênesis 11:01-06)

SUMÁRIO

1 – O ESTRANGEIRISMO NO BRASIL.....	09
2 – O HOMEM E A LINGUAGEM.....	11
3 - NOSSA LÍNGUA, BRASILEIRA OU INGLESA?.....	16
4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5 – BIBLIOGRAFIA.....	33

O ESTRANGEIRISMO NO BRASIL

A história nos ensina que uma das formas de dominação de um povo sobre o outro se dá pela imposição da língua. Foi assim no oriente médio, no mundo greco-romano e na época dos grandes descobrimentos, como o do Brasil. E hoje com a marcha acelerada da globalização, o fenômeno parece se repetir de uma maneira insinuante, o que se torna preocupante.

Como cidadã brasileira venho observando o quanto a Língua Inglesa vem se infiltrando no Brasil. A essa infiltração da cultura norte-americana e diversidade de expressão da língua inglesa, denominarei daqui por diante de *estrangeirismo*. Partindo de algumas reflexões no processo de língua estrangeira, o presente estudo tem como objetivo investigar o uso demasiado destas expressões em nosso meio. Há um enorme desinteresse pelo estudo das línguas estrangeiras nas escolas. Nas salas de aula no geral, o aprendiz não demonstra nenhum interesse em aprender uma segunda língua, por serem ministradas de maneira maçante, faltando talvez interação ou estarem mais próximo à realidade do seu cotidiano, apesar de que, o estrangeirismo está muito presente em nosso meio.

Observando como todos nós, de uma maneira ou de outra, usamos a Língua Inglesa sempre, resolvi fazer um levantamento sobre esta presença do estrangeirismo em nosso meio lingüístico. Embasando nos teóricos, Adilson Citelli, Alberto, Carlos Alberto Faraco, Eni Orlandi, Fernando Tarallo, Marcos Bagno, Moita Lopes, Vera Lúcia de Oliveira Paiva e outros, especialmente o Deputado Federal Aldo Rebelo, criador do projeto lei que limita o uso de palavras estrangeiras, busquei assim, levantar

e pesquisar dados para comprovarem tal fato.

Procurei traçar alguns aspectos sobre a língua estrangeira em nossa sociedade, principalmente em nossa cidade, Pontes e Lacerda, embora tendo grande parte da população licenciada em letras, ou seja, conhecedores da Língua Inglesa, a maioria dos falantes não tem noção de que usam o estrangeirismo, o qual aparece meio que camuflado em nossa linguagem.

É pensando neste fato, que tentei mostrar o quanto a Língua Inglesa é influentemente usada em nosso meio. Tomei por base a Teoria Sociolingüística, que se refere a “teoria da variação lingüística”, ou seja, trata-se de um “modelo teórico-metodológico que assume o caos lingüístico como objeto de estudo”, (Fernando Tarallo:2002,p.06).

Aprofundando tais pesquisas, busquei verificar se a Língua Portuguesa está, realmente sendo substituída pela Língua Inglesa. Isso nos leva a pensar que há uma certa guerra em torno dessas línguas. Há inúmeras expressões estrangeiras substituindo expressões do português. Elas são usadas pelos jovens, transformando tudo em modismo. Temos também vários nomes de lojas, uma grande quantidade de produtos nos supermercados e ainda nomes pessoais, tudo muito notável em nossa cidade e em todo território nacional.

O HOMEM E A LINGUAGEM

O homem é o único ser que traz consigo ao nascer traços de personalidade de sua maneira de agir e pensar, traz também a sua inteligência em desenvolvimento para enfrentar situações inéditas e buscar assim a superação de seus problemas, sejam estes individuais ou sociais.

Ao contrário dos animais que estabelecem somente na ordem biológica, o homem se coloca na ordem do simbólico, criando signos lingüísticos. Como a criança que quando nasce não tem instintos desenvolvidos e preparados para enfrentar a vida. É através da convivência com outras pessoas, que o aprendiz se vê de repente cercado por enormes quantidades de dados lingüísticos, que refletem a ele signos desordenados, incluindo sentenças gramaticais e falas organizadas, assim é a criança, ela passa a copiar na maioria das vezes, algumas linguagens.

Para se constituir no mundo, ele, o homem, é muito influenciado pelo meio, é nesse momento que entra a linguagem, objeto usado e recortado pelos indivíduos e de grande importância em nosso raciocínio.

A autora Marilena Chauí (1995: p. 74) afirma “a linguagem nasce por imitação, isto é, os homens imitam, pela voz, os sons da natureza...”. Nesse sentido é que percebemos o quanto o estrangeirismo vem alastrando. Existe por parte de vários falantes, uma enorme imitação, ou seja, pessoas que não tem proficiência do uso da língua, repetem determinadas expressões por terem sido influenciados pela mídia e outros, levados assim naturalmente a praticar, copiar tudo em nossa vida.

Alguns praticam com finalidade de aprender, outros simplesmente por

modismo, mas ambas as formas acontecem no meio social. William Labov concorda e insiste que na relação entre língua e sociedade, há possibilidade virtual e real de sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Convivemos com pessoas que muitas vezes, não sabem praticar a segunda língua, mas a praticam por imitação. Nisso, nós, os homens, somos dotados intencionalmente em praticar, copiar tudo em nossa vida. Alguns praticam com finalidade de realmente aprender, outros simplesmente por modismo, mas constituído de ambas as formas em sociedade. Segundo Tereza Cristina Rego (1988: p. 25), “as origens das atividades psicológicas mais sofisticadas devem ser procuradas nas relações sociais do indivíduo com o meio externo”. E ela continua concluindo que “Vygotsky entende que o ser humano não é um produto de seu contexto social, mas também um agente ativo na criação deste contexto”.

Sabemos que o homem é o ser peculiar, possuidor da linguagem, que é um elemento universal. Ele se utiliza desse instrumento particular de comunicação, como característica própria, apresentando assim variações de pessoa para pessoa, a depender dos aspectos sociais e econômicos de cada um. Ao se tratar de variações, o autor Marcos Bagno, nos comprova o quanto a língua muda e varia, principalmente em situações sociais:

O estudo das relações que existem entre todos aqueles fatores usados para classificar um falante (idade, sexo, escolaridade, origem, geografia, etc.) e o modo como ele fala (a variedade lingüística dele) pertence ao campo científico da sociolingüística (...). A sociolingüística veio mostrar que toda língua muda e varia,

isto é, muda com o tempo, varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante (MARCOS BAGNO: 2001, p. 43).

Tomando por base esta fala do autor, notamos o quanto o homem possui dentro de si dimensões biológicas próprias para interagir na sociedade. De acordo com a convivência com esta sociedade é que se molda o ser humano, conforme seu conhecimento; entretanto ninguém aprende sozinho, segue ou copia sempre o modelo de alguém, pois sem interação não há aprendizagem. Segundo a autora, Eni Orlandi (1996 :p. 7):

O homem tenta dominar o mundo em que vive, e uma das formas dele conseguir esse domínio é através do conhecimento, o qual é transmitido pela linguagem. O domínio da linguagem é a condição de possibilidade de total participação social, pois é através desta, que os seres humanos se comunicam, expressam e defendem pontos de vista, tem acesso a informação, constroem visão de mundo, protestam e fazem cultura.

A autora aborda o fato do ser humano dominar o mundo através da linguagem, e sem dúvida, ela, a linguagem, é um fator essencial na vida do homem, seja ela visual, oral ou escrita. Usamos a linguagem de uma forma ou de outra, para nos constituirmos em sociedade e para elaborar nosso conhecimento.

É notável que a desenvoltura mental de um ser não seja imutável, pois ela também se constrói através das influências sociais, do meio no qual ele vive. A mente humana é um sistema aberto, portanto recebe novas informações, moldando-se e transformando-se sempre. A sociedade muda, portanto é preciso que a língua também mude.

Língua Portuguesa ou Língua Inglesa eis a questão. Neste sentido Marcos Bagno relata:

Fica difícil, hoje em dia aceitar como verdade absoluta as coisas que vêm escritas em livros que se chamam apenas gramática da língua portuguesa (variedades e lugares) os estudos sociolingüísticos delimitam bem seu campo de investigação, o que lhes permite fazer descrições mais detalhadas e mais completas das variedades escolhidas (BAGNO: 2001, p. 44).

Segundo o autor, o estudo apenas da gramática nos nossos dias, não é tão importante, devido a tanta variação lingüística, para ele o estudo sociolingüístico deixa bem claro o conhecimento da língua ao aprendiz de hoje, que geralmente muda de opinião, dependendo da ocasião. Temos também a desvalorização de profissionais da educação, que muitas vezes, não possui prática suficiente para ensinar uma segunda língua. “Eles não aprendem português quanto mais inglês”, (MOITA LOPES, 2001: p. 63). O autor usou esta fala de um professor da rede pública para exemplificar o quanto vários profissionais não valorizam o linguajar do educando.

A lingüística como ciência, segundo o autor Carlos Alberto Faraco, “já está solidamente estabelecida nas universidades do mundo todo, e vem acumulando um saldo apreciável de observações e análise que ocorrem até o cerne tanto a reverência quase religiosa às velhas gramáticas, quanto ao discurso mítico do senso comum”, (2001: p. 38).

Em referência a Língua Inglesa, ela vem se destacando nas últimas décadas, e não apenas nas escolas onde é passado aos educandos o conhecimento formal

de uma língua estrangeira, mas também em outros meios, como a internet, o computador, a tv, rádio, cinema, música, na linguagem dos jovens, nos produtos alimentícios, em nomes próprios e outros. “Ao invés da abordagem integrativa com a cultura estrangeira, faz-se uso do inglês como uma língua internacional que serve como instrumento de comunicação entre os povos” (MOITA LOPES, 2001: p. 59).

Em referência a citação acima, o autor nos fala de como se usa a língua inglesa para dominar a cultura, tendo em vista que, poderíamos nos espelhar apenas na própria cultura americana senão a língua. O fato de a língua estrangeira ser ensinada nas escolas, é muito importante, contribui muito com o educando para o conhecimento da mesma, porém não lhe dá o direito para trocar seu vocabulário português, pelo estrangeiro, como vem acontecendo.

O estudante tendo um relativo domínio da Língua Inglesa consegue enriquecer seu conhecimento, uma vez que esta língua é universal. Isso lhe possibilita a comunicação com grande parte do mundo. Ele só não pode esquecer, é claro, que a maior parte dos brasileiros está lutando contra a invasão cultural, particularmente a lingüística. Não podemos deixar que o português passe a ser a segunda língua dentro do nosso próprio país.

Partindo para a capacidade do raciocínio, a qual é particular do homem, consideramos que é o próprio homem que planeja sua vida e desta forma ele é capacitado a agir sobre a natureza. O indivíduo frente sua aquisição de conhecimento constrói seu objetivo e compartilha entre outras pessoas envolvidas neste ensino. Pois é através da linguagem que o homem aumenta seu conhecimento expõe à sociedade e transforma o natural.

NOSSA LÍNGUA, BRASILEIRA OU INGLESA?

A influência do estrangeirismo em nosso meio é o foco deste ensaio monográfico. Atualmente, para muitos brasileiros expressarem e entenderem a visão panorâmica de mundo já não é suficiente só a língua portuguesa. Podemos afirmar que nós, brasileiros, somos quase estrangeiros em nossa própria terra, pois, somos cercados de expressões estranhas à nossa língua, desde o rádio até a internet e outros.

Somos livres para falar, a liberdade é exercida na maioria das vezes de forma individual, isolada, e, por vezes até egoísta. Cada um de nós é capaz de tomar nossas próprias decisões, somos cheios de poder para avaliar nossos destinos, julgando-nos sem limites como o mar que nos cerca, mas no fundo, somos cercados e de certo modo dependentes dos recursos de nosso próprio barco. Assim, também acontece com nossa linguagem, somos livres para escolher, porém, existe uma certa barreira, uma série de regras a serem cumpridas.

Saussure dividiu a linguagem humana entre língua e fala, porém, como afirma Bakhtin, tomando por base a teoria de Saussure: "A linguagem não pode ser o objeto da lingüística. Considerada em si mesma, falta-lhe unidade interna e leis independentes autônomos". E ainda conclui: "É impossível, se permanecermos no terreno da linguagem, fazer descrição adequada dos fatos da língua. A linguagem não pode ser o ponto de partida de uma análise lingüística", (1929: p. 85). Podemos afirmar que o aprendizado antecede qualquer teoria.

A lingüística se interessa pela língua como se apresenta e não como deveria apresentar-se de maneira descritiva. Nesse sentido, a lingüística estuda certos números

de manifestações do comportamento humano como sentimentos e pensamentos.

A liberdade de uma língua como unidade própria é possível, porém não é o que vem acontecendo nos últimos tempos, sempre nos deparamos com uma grande invasão norte americana. A nossa “liberdade lingüística” é antiga, ela foi conquistada em um mil novecentos e vinte e dois (1922), quando escritores modernistas pregaram o abandono da sintaxe de Manoel Bandeira: “Língua errada do povo – língua certa do povo, porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”.

A liberdade lingüística chegou com tanta força que acabou tendo invasão estrangeira, agora já não sabemos se nossa língua é brasileira ou inglesa. Em relação ao ensino da Língua Inglesa, sabemos que não é desnecessário, pois com o conhecimento dela o indivíduo cresce intelectualmente e tem acesso a várias outras formas de vida. Entretanto, o excesso no uso de uma segunda língua, em detrimento da materna, faz a linguagem dominar o indivíduo, em alguns casos, ele até acaba por optar pela segunda língua.

A língua do comércio e da propaganda é, sem dúvida, estrangeira, com suas promoções *50% off*, cartazes gritando *sale!*, Serviços de *delivery*, cartões *gold*, os políticos que, quando não mencionam *hedge funds*, *spreads*, freqüentemente apelam para suas diagonais endógenas e continuam falando grego.

A Língua Inglesa é falada por todos nós, às vezes sem nem perceber, muitos acham chique, outros por tanto ouvir falar, de uma forma ou de outra repetem. Segundo Paiva: na televisão, podemos ser surpreendidos pelos entrevistados misturando inglês ao português, (1998: p. 18). Percebemos ainda várias outras formas de estrangeirismos em nosso meio, os *outdoors* que sempre nos mostram propagandas de produtos importados, nomes de lojas, academias e até mesmo, nomes próprios.

Mas, afinal, de onde vem tanto estranhamento, tanta falta de intimidade com algo que está sempre conosco e que usamos o tempo todo? A resposta para essa pergunta, dada por escritores, professores, jornalistas e estudiosos, nem sempre é convergente. Pelo contrário, parece que nem mesmo eles falam a mesma língua. O fato é que nós os brasileiros estamos lendo, ouvindo e falando uma quantidade cada vez maior de palavras vindas do inglês. Como se sabe, a “invasão americana” é um fenômeno mundial, decorrente do predomínio econômico, cultural e tecnológico estadunidense, o qual ganhou ainda mais força com a difusão da informática e da *internet*. Como diz Arnaldo Niskier “o inglês é a língua da nova sociedade da informação”.

Notamos que cada vez mais pessoas estão usando desnecessariamente e erroneamente palavras do inglês, que no português seria bem menos complicado. Douglas Tufano afirma: “chega a um ponto em que a gente não sabe que língua as pessoas estão falando”, como exemplo, temos a palavra estrangeira *hot dog* (cachorro quente), conhecida por todos, mas nem todos a pronunciam corretamente, a maioria compra mesmo é um “roti dogui”

Segundo a lingüista da USP, Eliane Azevedo, “isso significa que estamos importando as palavras estrangeiras, mas adaptando-as ao sistema fonológico do português”. Não há dúvida de que, ao menos até certo ponto, a assimilação de palavras estrangeiras é um processo normal, que enriquece a língua, o que acontece é que estamos copiando demais as palavras inglesas, fazendo com que as palavras brasileiras percam sua identidade, como nos exemplos: “semana passada eu fiz aniversário”, em vez de “na semana passada eu fiz aniversário”, “você quer que eu ligo” em vez de “você quer que eu ligue”, falado pela minoria das pessoas, por acharem bonito, legal,

porque esta na moda.

A língua estrangeira vem alastrando cada vez mais em nosso país, embora não se sabe com exatidão o quanto, mas podemos afirmar que tem um aumento considerável em todo o Brasil, principalmente no que se refere às escolas que ensinam a Língua Inglesa, cursinhos etc. "O inglês, segundo Ventura (1989: p. 36), É uma epidemia que contamina 750 milhões de pessoas no planeta'. Essa língua sem fronteiras está na metade dos 10.000 jornais do mundo, em mais de 80% dos trabalhos científicos e no jargão de inúmeras profissões, como a informática, a economia e a publicidade", (VENTURA, apud PAIVA, 1996: p. 10).

Devido o grande crescimento desta língua, e a necessidade de algumas pessoas, a maioria da população já se preocupa em alfabetizar seus filhos numa segunda língua, prevendo ser a melhor atitude para o futuro deles. Sabemos que a Língua Inglesa, hoje ocupa um amplo espaço na linguagem, pois sem o conhecimento básico fica difícil para socializar-se em alguns lugares. A aprendizagem da Língua Inglesa é o mesmo que adquirir uma determinada profissão. A autora Vera Lúcia Paiva (1998: p. 19) considera que:

Aprender a língua inglesa hoje é tão importante como aprender uma profissão. Esse idioma tornou-se tão necessário para a vida atual que, para conseguirmos aprimorar qualquer atividade profissional, seja no campo da medicina, da eletrônica, física, etc., temos de saber falar inglês.

A possibilidade de se aprender uma segunda língua não é desinteressante para o ser humano, pois ela representa para ele uma outra forma de se interagir no mundo, além é claro, de oferecer uma maior possibilidade de ampliar o conhecimento da própria língua. Aprender inglês é importante, pois ele já faz parte da vida do brasileiro, principalmente, neste momento histórico em que vivemos.

Muito raramente buscamos encontrar origens das palavras as quais falamos. Mas, o fato de convivermos com estes componentes, a todo instante, nos leva a assumir a tecnologia estrangeira, com isso vamos perdendo nossas raízes brasileiras, diversidades regionais e identidade. E o fato está tão dramático que os brasileiros já não valorizam mais os produtos nacionais, que muitas vezes são melhores do que os importados, não são vendáveis pelo fato da influência da máquina capitalista globalizante. O brasileiro muitas vezes olha com certo menosprezo as coisas nacionais, inclusive a língua, talvez seja pelo "patriotismo imposto" pela revolução de 64, que só fez piorar a situação.

Aqui em Pontes e Lacerda, nossa cidade, temos uma grande tramitação de produtos estrangeiros, um grande número de pessoas que utilizam o estrangeirismo, muitas vezes sem nem perceber. Vejamos um exemplo prático de um determinado cidadão pontes e lacerdense em seu cotidiano: acorda pela manhã ao som da AM *electrotronic Digital Clock Radio*, da rádio Jornal local, com muito sono ele resolve apertar o *stop clear* para mais alguns minutos de descanso. Acorda assustado, calça sua *rider*, liga sua *tv Philips* que está conectada no aparelho *NG SAT* sua parabólica, deixa sua tv ligada no noticiário da *CNN* e vai tomar banho com seu sabonete *Dove*, usa *shampoo seda Lissage*, escova os dentes com seu creme *close up*, não mexe no creme *Kolynos* do irmão para evitar briga, usa *gillette GII* e o creme pour *Homme* do pai

para barbear, se perfuma com o desodorante *after sport right* e começa a vestir sua roupa, usa meias da *bad boy*, cuecas *masch*, calça *zoomp*, camiseta *wrangers* com a seguinte frase: "*Smells like teen spirit-Nirvana*", usa tênis *Nike* branco, pega seu boné *coutery* escrito "*No stress*" e segue para a cozinha para tomar ainda o que chamamos o café da manhã, come seis biscoitos *cream-cracker* com mel *Karo*, *Waffles*, *chips*, *skiny* com leite *lako* e *snow flakes*, com café que já está na garrafa *Alladin Pump-a-Drink*.

Sai de casa com sua *bike*, passa na *Stereo* som, compra um *CD do conjunto Fat Family*, chega na *City Lar* onde trabalha rodeado de vários aparelhos de marca estrangeira. Ao sair para o almoço, vai junto com sua amiga *Raysa*, na *Kiss* calçados, para comprar um tênis *Dok-siders*. Seguem juntos para a lanchonete *Rcanto Beers* e encontram o *John Lennon*, seu primo, que está esperando por eles para almoçar, chama o *garçon*, pedem *Coke-kola*, uma *pizza* e dois *hot-dogs*, por fim pedem um *cornet* e uma *spreat* e depois desse *relax* eles voltam *para* o serviço novamente.

Durante o período da tarde, ele trabalha ouvindo som internacional e usando sempre o computador, pois com o *mouse* ele consegue mais agilidade nos preços e assim pode *deletar* tudo de sua memória. Ele recebe e lê com muita atenção o *e-maill* que seu chefe lhe enviou. No fim da tarde toca seu celular *Nokia*, é o vendedor da locadora *Hollywood*, procurando a fita do filme americano: *Titanic*, que ele esquecera de devolver.

Chegada a hora de encerrar o seu expediente, ele usa o *play off* dos aparelhos eletrônicos para desligá-los e faz um breve balanço do *marketing* da loja para aquela semana. Ao sair do serviço, passa no banco do Brasil, usa o *service Express*, faz uma transferência *online* para seu irmão e paga seu *CDC leasing*, vai

para casa toma uma ducha *lorenzett*, come seu *nicin miojo*, pega seu material e vai para o *CCI*, seu cursinho de inglês.

Vimos que com o exemplo do dia do cidadão pontes e lacerdense, que está totalmente alienado às expressões inglesas que o cercam, também ocorre normalmente nos grandes centros. Muitos usam rotineiramente várias expressões estrangeiras, como “*eu vou de van*”, por exemplo, e nem se dão conta de que estão falando a língua inglesa.

O mau exemplo vem de cima, o ex-presidente da república, em suas entrevistas à rede tv educativa, usava expressões incompreensíveis ao povo, como *fast track*, expressão conhecida por poucos. E quem não se lembra da Greenville brasileira? Cidade nacional de nome estrangeiro, ficção, novela A Indomada, da rede Globo de televisão, onde muito dos personagens usavam termos em inglês com tanta frequência que ele passou a fazer parte de seu vocabulário diário.

Diante destas proporções, a situação não é muito diferente de nossa vida real. A invasão estrangeira ocorre em nosso país, talvez pela necessidade que o Brasil tem de se mostrar e de aproximar-se aos Estados Unidos, ou talvez a vergonha do próprio país, o desejo de ser um cidadão sem influência brasileira.

O fato dos brasileiros estar lendo, ouvindo e falando uma quantidade cada vez maior de palavras vindas do inglês, “a língua da sociedade da informação” acontece devido ao poder sócio econômico dos países ante a língua falada como a materna; como nos lembra Carlos Alberto Faraco: “Remete a estrangeiro também o fato de que, se o inglês é hoje a tal língua franca do contato internacional, isso se deve ao sucesso da empresa imperial britânica e norte-americana, da qual o Brasil sempre foi cliente servil”, (FARACO, 2001: p. 22) .

Desta maneira, enfrentamos dificuldades de ensinar, aprender e usar o idioma falado e escrito no nosso país, em nossa cidade, pois o português está se tornando língua estrangeira. Grande parte dos estudantes brasileiros diz que não sabe português. Que língua estrangeira será que eles falam? Tudo nos leva a pensar que o português das gramáticas, é a língua estrangeira que o professor tenta ensinar.

A opinião de dois professores de língua portuguesa são divergentes, enquanto Hélio Mallet condena o exagero dos empréstimos, Antonio Sérgio Bueno vê o fenômeno com naturalidade e não o encara como ameaça, a não ser que o povo que vive essa experiência não tenha consciência crítica. (PAIVA, 1996: p. 23).

Essa divergência acontece com todos nós brasileiros, alguns usam o estrangeirismo com muita frequência, acham normal, bonito, porque esta na moda e até estudam para isso. Outros já pensam que é a língua que conquista um povo e são até contra tantos empréstimos lingüísticos.

O fato é que a língua inglesa está sempre presente em nossa sociedade, ela vem crescendo de uma maneira assustadora, aumentando mais os empréstimos e variações. Segundo Vera Lúcia, "A importação de palavras estrangeiras atende muito mais a uma necessidade simbólica de identificação com uma sociedade de grande poder político e econômico do que a necessidade de nomear novos conceitos e objetos", (1996: p. 26).

Parece que todos em nossa sociedade estão 'fingindo', que nem percebem que as associações de lingüistas são favoráveis a que se proibam, por lei, todas as

palavras em língua estrangeira usadas em nosso cotidiano. Eles agem como se estivesse camuflando algo, pela manhã, a Academia Brasileira de Letras é dita incompetente para 'fiscalizar' questões de língua, à tarde, em audiência pública, estão lado a lado, olhos nos olhos, os mais renomados especialistas da Lingüística brasileira.

Sírio Possenti nos fala do projeto do deputado Federal Aldo Rebelo, o qual tentou criar uma lei proibindo a questão do estrangeirismo no Brasil. Sírio Possenti demonstra ser favorável ao nacionalismo, porém não concorda muito com o Sr. deputado, mas ele afirma ser defensor da língua Portuguesa. O projeto lei foi publicado no dia vinte e oito de março de 2001, e relata o seguinte:

A comissão de constituição, Justiça e Redação da Câmara dos Deputados aprovaram, em caráter conclusivo, nesta manhã o projeto de lei 1.676/99 do Deputado Aldo Rebelo (PC DO B-SP) que visa a proteger a língua portuguesa da degradação a que está sendo submetida por estrangeirismos, provenientes sobretudo do inglês (FARACO, apud POSSENTI, 2001: p. 167/168)

Este projeto foi aprovado na Câmara dos deputados e aguarda votação do Senado. Se virar lei, passaremos a ter um glossário oficial de aportuguesamento e todo vocabulário estrangeiro terá de vir acompanhado de um correspondente no português.

Sírio Possenti discorda de certos pontos deste projeto, ele comenta: "para proteger de fato nossa língua, tem que tornar nossa economia poderosa e nossa cultura tão charmosa que nenhuma outra nos tente", (FARACO, apud POSSENTI, 2001: p.

168). Para que isso aconteça, temos que nos tornar independentes, ou seja, lutarmos para nos tornarmos um país de primeiro mundo, e isso é quase impossível, diante da globalização em que vivemos, e diante de tanta influência capitalista.

Para defendermos a língua de nossa pátria, o nosso português, temos que usar vários argumentos contra a invasão lingüística, que é puro reflexo da dominação econômica, temos que lutar contra tudo isso, mas não é porque ainda não resolvemos estas questões que devemos ficar deitados eternamente em berço esplendido e deixar “o pau quebrar”, devemos lutar com toda força, em todas as frentes pelo nosso português. “Apesar das regras por vezes tortuosas, o português é belo, pródigo e preciso, dotado de recursos léxicos suficientes para acompanhar as inovações, descobertas, invenções e mudanças que transformam o mundo”, (Deputado Aldo Rebelo).

Na sua justificativa para a apresentação do projeto lei, o deputado Rebelo diz que o país está assistindo a uma descaracterização de sua língua diante da grande invasão indiscriminada e desnecessária de estrangeirismos como: *self-service*, *coffe-break*, etc. Ele critica, também, o aportuguesamento de palavras como *printar* e *startar* que são derivadas dos termos ingleses *print* e *start*, que significam imprimir e começar. Notamos aí um desvio de língua, uma mistura, na qual não se tem clareza da origem.

Os autores Carlos Faraco e Francisco Marto de Moura, autor de livros didáticos, acham que não devemos reprimir essas palavras estrangeiras. Faraco defende a idéia dos brasileiros estarem experimentarem falar certas expressões, para ver se ficam com a palavra de fora ou se vão simplesmente descartá-las. Já Francisco Moura, concorda com o fato de que 70% das palavras do português vêm do latim e o

restante de outros idiomas, concordando assim que as línguas vivem em constante aprimoramento. Acredita ainda que deveria existir sim, é um melhoramento do sistema educacional.

Ouvimos falar de um certo movimento que começa a surgir em todo país em defesa da língua portuguesa, a língua-mãe do Brasil e de outros seis países. Assim como as pessoas estão convencidas de que existe o certo e o errado no tocante à língua como novo comportamento paradigmático das elites, instalando-se muito nas fronteiras das normas gramaticais. Resta saber o quanto se perde ou se ganha com esse movimento, e o que cada um de nós podemos fazer para evitar essas expressões estrangeiras.

A verdade é que o esvaziamento da língua portuguesa vem ocorrendo na velocidade da internet. Estamos longe de encerrar tais discussões, até porque passamos por um momento histórico de intensas transformações econômicas e culturais em que a língua portuguesa não é certamente um elemento alheio. É como diz Vera Lúcia:

Como você vê, a penetração da língua Inglesa no Brasil e no mundo tem, como variável que não pode ser ignorada, a presença hegemônica dos Estados Unidos no mundo. O terceiro mundo não está mais sendo dominado essencialmente pela força armada, mas pela língua, matéria prima do imperialismo cultural causado pela dependência econômica, (PAIVA, 1996: p. 26).

Os Estados Unidos tentam comandar o mundo, não apenas com a língua, mas com todas as armas possíveis. Eles são tão prepotentes que consideram donos da

Amazônia, patrimônio nosso, por mais que seja descuidada por governantes ela pertence ao Brasil. Mas quando se trata em internacionalização da Amazônia, precisamos defendê-la do mundo, no sentido de risco da degradação ambiental, a qual irá sofrer, a Amazônia é nossa, só nossa. Há que se pensar que, se a Amazônia fosse internacionalizada como eles querem, por que não internacionalizar também, Nova Iorque como sede das Nações Unidas, Mhatan, por exemplo, deveria pertencer a toda a humanidade, assim como, Paris, Veneza, Roma, Londres, Rio de Janeiro, Brasília, Recife, cada cidade com sua beleza específica, sua história de mundo, também deveria pertencer ao mundo inteiro.

Voltando ao estrangeirismo, grande parte dos brasileiros não entende a Língua Inglesa, concluímos assim, que eles não entendendo as palavras escritas nos *slogans*, e em várias outras partes, podem assim, então, falar por imitação, sem compreender o respectivo significado. Temos como exemplo prático, o nosso tenista Guga, antes dele atingir o primeiro lugar do *ranking* do tênis mundial, poucos brasileiros sabiam o que era *game* ou *match point*. Hoje, todos se discutem os *games* e *match points*, veja só, estas expressões passaram a ser importantes e repetida de pessoa por pessoa, somente depois da fama do Guga.

Como notamos a Língua Inglesa está espalhada por todos os lados, ela é a língua que falamos, ouvimos e lemos no Brasil, embora estejamos cercados pela Língua Espanhola falada por imigrantes de várias nacionalidades, inclusive os nossos países vizinhos de fronteira. Sua importância cresce devido ao aumento de trocas econômicas entre nações que estão integradas no Mercosul.

De maneira geral, podemos considerar que as questões que implicam a inclusão não só da Língua Inglesa, como outras línguas estrangeiras, cresce em função

do poder e da influência da economia estadunidense. O problema é, quando importamos, sem exportar, acabamos empobrecendo nossa cultura. O português sempre foi um idioma mais importador que exportador, e encheu-se de empréstimos italianos, espanhóis e franceses.

Nosso português, é o idioma em todo o território nacional, ou seja, usamos a mesma língua, de norte á sul, talvez seja este fator, a ameaça pela invasão das expressões estrangeiras. Em sua evolução, nossa língua portuguesa vai contando a nossa história. Se o que ela nos diz, ou como ela diz, não tem nos agradado, a culpa não é dela. Talvez a nossa língua tenha boas novidades para contar e se identificar com ela.

“A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade, se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa o idioma pátrio?” (INTERNET apud Napoleão Mendes de Almeida, gramático). Devemos lutar e preservar o que é nosso, impedindo certas invasões que aparecem somente para nos desvalorizar lingüisticamente.

A língua de um povo talvez seja, dentre os vários aspectos culturais que o caracterizam, o fator, por exemplo, de defesa à existência do português brasileiro. Significa, em traços gerais, defender um traço cultural que marca nossa independência. Nossa maturidade lingüística traduz-se, assim, nem elemento constitutivo de caráter nacional, nem elemento constitutivo de caráter norte americano, mas que nos fortalece como povo único, independente e livre.

Essas reflexões nos mostram, apenas, a pequena ponta de um grande *iceberg* aos quatro ventos, todos os dias, ouvem-se argumentos e pregações sobre a invasão estrangeira em que todos teriam forças e chances para interagir. Entretanto, ao que

parece, as promessas de liberdade e de democracia sempre acabam na teoria. Escondem uma língua (brasileira) cheia de possibilidades, e nos apresentam uma língua limitada. Precisamos ter coragem e força para lutarmos contra isso, não podemos deixar o nosso idioma ser a segunda língua, que tenha longa vida, então, o português da Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu objetivo neste trabalho foi abordar a forma em que o estrangeirismo entrelaça uma sociedade globalizada, e como ele ocupa um largo espaço na linguagem. De certa forma acredita-se, atualmente, que a opção de língua estrangeira completa a formação do cidadão, oferecendo a ele, oportunidade nos diversos campos da vida moderna.

As pessoas super valorizam a cultura norte-americana, isso contribui para o desequilíbrio social em nosso país. Muitas pessoas falam a língua inglesa, por acharem chique, sem saber pronunciar direito, criando dessa forma, invasões estrangeiras, um mundo fajuto, fora da realidade nacional. São poucos os estudantes que podem pagar cursinhos particulares de inglês e garantir um bom trabalho. A maioria aprende mesmo é de boca em boca.

Não devemos desvalorizar a cultura estadunidense, mas também não devemos passar a enxergar o mundo através do ponto de vista deles. Os brasileiros valorizam a cultura estadunidense porque não conhecem a sua própria, é preciso que se abduquem à sua realidade para esta adequar-se ao mundo. Cada um é responsável pelo seu próprio conhecimento, e capacitado para escolher sua própria linguagem, neste momento é que precisamos pensar com carinho no nosso português.

Notamos a força do estrangeirismo infiltrando no cenário brasileiro, pois a todo o momento deparamos com este repleto de cultura estadunidense. Tudo isso pode ser comprovado através das marcas de roupas, veículos, eletrodomésticos, em frases de camisetas, nas palavras que constam no nosso vocabulário habitual e em

tantas outras situações. Devemos repensar estas situações para conservar nossa nacionalidade.

Por esses e outros objetivos, o estrangeirismo vem sendo uma forma de descaracterização popular, nesse sentido é que me surgiu o interesse por uma investigação mais aprofundada. Sabemos que com a globalização, ocorre uma invasão indiscriminada no Brasil, expressões vindas de outros países estão afetando e alterando a nossa comunicação.

O idioma é, sem dúvida, a característica de um povo, nele está contida toda a história, a cultura, política etc. enfim, toda a trajetória de uma nação. O desenvolvimento da tecnologia, grande influenciador do estrangeirismo, trouxe de volta a escravidão do ser humano. Às vezes, o cidadão é obrigado a usar a um sistema que mal conhece, e não tem a menor noção do que seja. Tornou-se comum, sentirmos estrangeiros dentro de nossa própria pátria. Nesse sentido precisamos ter uma melhor compreensão, principalmente no que se refere à língua. A influência do inglês, uma presença indiscutível, é uma ameaça que gera desconforto e questionamento ao nosso português.

Esta questão geradora de muitas polêmicas, gerou também um projeto lei, o qual proíbe o uso de expressões estrangeiras no Brasil. Resta saber se o senado irá aprovar ou não, este projeto tão importante para a nossa nação. Os brasileiros precisam acordar para o problema o quanto antes e tomar providência oficial, sensatas e que possa ser executado através de um bom ensino em todos os meios que obriguem os sistemas de comunicação a usar o Português correto e culto. A Língua portuguesa, pronunciada corretamente, é maravilhosa de ser ouvida, ela é um pouco difícil de ser aprendida, mas qual língua não o é?

Mas na verdade estamos longe de encerrarmos tal discussão, até porque passamos por um momento histórico de grandes transformações culturais em que a língua portuguesa não é certamente um elemento extra. Assim como sabemos que o estrangeirismo está sendo usado abusivamente, sabemos também que temos de tomar decisões, protestar contra esta invasão, para nos livrarmos novamente desta escravidão imposta a todos.

Se pensarmos assim, constituiremos no nosso cotidiano, um linguajar pátrio, belo como ele o é, dentro de nossa história, ainda que a desconheçamos, fazem parte de nossa relação com a nossa língua e a nossa identidade lingüística. Os efeitos dessa relação, pátria e língua, falam em nossas palavras portuguesas e nos colocam em uma memória do dizível, mesmo que não saibamos. Devido ao estrangeirismo, temos dificuldades na nossa língua brasileira, de ensinar, aprender e usar nosso idioma falado e escrito no nosso país. Portanto, caro leitor, peço a Vossa Excelência que reflita com carinho sobre tais questionamentos e se posicione diante deles como um bom e fiel brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Estrangeirismo**. [http. www. Yahooo.com.br](http://www.Yahooo.com.br).
- BAGNO, Marcos – **Conferência pronunciada** , São Paulo: 2000
- CITELLI, Adilson – **Língua e Literatura** – 4.ed. São Paulo. editora Cortez 1997.
- CHAUÍ, Marilena – **Convite a filosofia**- 2 ed. São Paulo. Ática: 1995.
- FARACO, Carlos Alberto (org.) – **Estrangeirismos (Guerra em torno da língua)** – I.ed. São Paulo editora Parábola: 2001.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita – **Oficina de Lingüística Aplicada** – 3. ed Campinas – SP editora Mercado de Letras: 2001.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira – **Ensino de Língua Inglesa, reflexões e experiências**. 2 ed. Campinas, S.P. Pontes: 1998.
- REBELO, Aldo – Projeto Lei: 1676/99 – Deputado (PC DO B), São Paulo: 2000.
- REGO, Tereza Cristina – **Uma perspectiva histórica. Cultural da Educação**. 1 ed. São Paulo, Vozes: 2001.
- REVISTA EDUCAÇÃO- **Português língua estrangeira**. São Paulo: 1999
- SAUSSURE, Ferdinand – **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo, Cultrix: 1995

TARALLO, Fernando – **A pesquisa Sociolingüística**. I. ed. São Paulo: editora Ática 2002

TUFANO, DOUGLAS – **Língua e literatura**. 3 ed. São Paulo. Moderna: 1995.